

02 MAI 1998

# DF Brasília

Rachel de Queiroz

CORREIO BRAZILIENSE

Juscelino, ao se atirar à aventura de Brasília, alegava que a construção de uma capital nova, no Planalto Central, não fora idéia dele, era ordenada pela Constituição. É verdade. Nunca verifiquei pessoalmente, mas todo o mundo confirma.

E daí? A recomendação já vinha de muito antes; só Juscelino a tomou a peito. A verdade é que ele era um homem brilhante, novidadeiro e, principalmente, queria assinalar a sua passagem pela Presidência da República com uma marca inesquecível.

A grande alegação seguinte, e que lhe comprou a adesão quase geral dos brasileiros, foi de ocuparem assim, oficialmente e permanentemente as regiões quase abandonadas, quase desconhecidas, do Planalto Central. E isso foi feito, não se pode negar.

Na época, muita gente dizia que Brasília era o resultado da conjugação de dois gênios e um doido: Niemeyer e Lúcio Costa os dois primeiros, o terceiro seria Kubitschek.

Mas não adianta discutir fatos consumados; e, se há fato consumado, consumadíssimo, esse é Brasília. Já tem perto de quarenta anos de existência, uma vida. O concreto dos seus palácios oficiais já perdeu aquele ar de novinho em folha, já tem pátina, marcas de vida. Já existe, mesmo, uma população brasiliense lá morando em caráter definitivo. E uma mocidade que nasceu lá, lá vem crescendo. Alguns até já constituíram família própria.

Mas o que faz a gente, cá fora, de certa forma implicar com Brasília, é a sua característica de urbs estritamente, indefectivelmente burocrática. Uns transitórios e provisórios, a primeira classe, digamos, o pessoal do governo, que ganha os belos palácios e os divide entre si, como divide o poder, não vai para lá destinado a mo-

rar. Vai lá para "exercer" um mandato, uma comissão, um cargo a prazo marcado. E os que têm encargo vitalício, e são apenas os que formam realmente o núcleo dos moradores fixos — assim que se aposentam, voltam aos seus pagos, cuja saudade nunca perderam.

Em todo caso, tenho uma desculpa a pedir. Nunca passei mais do que uma noite em Brasília; de sua vida noturna e social só conheço mesmo as solenidades oficiais, ou os encontros rápidos entre amigos de passagem que foram à capital fazer qualquer coisa, com o bilhete de volta no bolso.

A infância, a mocidade brasiliense, como serão? E não tomemos como exemplo a citar aqueles cinco caras, cuja irresponsabilidade chegou ao crime, ao incendiarem, "de farra", o índio pataxó Galdino. Bem, esse exemplo não serve, pois, de pequenos malfeteiros, cidade nenhuma está livre — por que então estaria livre deles a nossa capital?

Dá, pode ser que com a pátina que se forma nas construções já quadragenárias, Brasília vá se tornando uma cidade de verdade, com passado (embora recente), mas cujas reminiscências já entram para os livros dos historiadores. Provavelmente Brasília nunca será como outras cidades daqui e do resto do mundo, nascidas não na mesa de trabalho de um arquiteto de gênio, mas construídas de casa em casa, primeiro um pequeno grupo desordenado, depois se dividindo em ruas, meio ao acaso, meio tortas, como nascem todas as cidades do mundo. Por geração espontânea e não encomendadas.

Mas o fato é que ela já está aí, é uma realidade, senhora dos seus direitos e dos seus privilégios de capital. As crianças que lá nasceram têm lá fincadas suas raízes. Os burocratas de passagem

cumprem o "desterro" e partem; mas só partem quando perdem o emprego, provisório, quase sempre, curtos mandatos de alguns poucos anos. Um velho amigo meu contava que, ao mudar-se para a recém-fundada Belo Horizonte, não acreditava na duração daquela experiência urbanística e recomendava à mulher que estivesse sempre pronta para, de novo, arrumar as trouxas. E só se convenceu de que a aventura era mesmo para durar quando foi conhecer o cemitério. Já tinha muro e portão e, para pasmo seu, muitas covas ocupadas, algumas já com belas lápides e anjinhos. Cemitério, para ele, era o teste da perdurabilidade. Se os defuntos já estavam ali, os filhos tencionavam ocupar depois um lugar ao lado deles. Mesmo porque terreno em cemitério custa caro, e mineiro não gosta de gastar dinheiro à toa.

Se me aventure a fazer essas restrições a Brasília, peço agora perdão. Minha reação, como a de tantos outros, é mais de ciúme: com tanta cidade boa, pelo país, para ser a nova capital, porque se meter nas lonjuras do Planalto Central? Na época, eu e mais gente do Rio fizemos tudo para que os homens escolhessem Petrópolis para a nova capital. Aquele clima, aqueles ares de serra! E talvez tenha sido leviana, falando assim, sem cautelas necessárias — eu não queria ofender. Talvez eu esteja funcionando como um eco retardado da indignação dos que se viam obrigados a abandonar o bem-bom do Rio para irem se alojar precariamente nas lonjuras, até então desconhecidas, do Estado de Goiás.

E viva Brasília, que prospere e cresça e vá agüentando como possa a sua carga de burocratas.

■ Rachel de Queiroz, da Academia Brasileira de Letras, é escritora